

2 PROJETO MEMÓRIA DA FEIRA LIVRE DE FEIRA DE SANTANA

SEGUNDA FASE — TEXTO N. 2*

OUTRAS PALAVRAS

Vicente Deocleciano Moreira

Prof. Adjunto do Dep. de Ciências Humanas e Filosofia

A revista *Sitientibus* publicou o texto n.1, de uma nova fase, a segunda, do Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana, intitulada OUTRAS PALAVRAS. No primeiro texto desta nova fase, foram publicados depoimentos de professores, estudantes, feirantes, autoridades ... veiculados pela Imprensa em 1976 e 1977, sobre a feira livre de Feira de Santana, Bahia.

O presente texto, n.2, mostra o noticiário — sobre a feira livre e o projeto de transferência dos feirantes para o Centro de Abastecimento — divulgado pelos jornais, durante o ano de 1975.

O FIM DA MAIOR FEIRA DA BAHIA E AS RAZÕES DO “PROJETO CABANA”

A Tarde. Salvador(BA) , 09 de maio de 1975.
Feira de Santana (Sucursal)

Em terreno situado no Parque Manoel Matias, a pouco mais de 600 metros do centro urbano, será executado o Projeto Cabana, que implantará o Centro de Abastecimento José Falcão da Silva, que recebeu parecer favorável do Conselho Nacional de Abastecimento — CONAB, único ponto que entravava, até então, a assinatura de contrato de empréstimo no valor de Cr\$ 17.500.000,00 com o Banco do Nordeste do Brasil. A Prefeitura, que patrocina o empreendimento, vai completar o montante total da primeira etapa de construção, que é de Cr\$ 20.047.689,00.

Ponto de Estrangulamento

A realização de estudos englobando o município e a sede apontou pontos de estrangulamento que “comprometem” seriamente o potencial de desenvolvimento do setor agropecuário e dificultam o desempenho harmônico dos serviços urbanos na sede, além de

*O texto de n. 1, segunda fase, acha-se publicado em *Sitientibus*, n.12, p.193-200, 1994.

conduzir à conclusão de que um dos pontos essenciais de estrangulamento, tanto no setor primário quanto no da organização urbana, reside na estrutura e na forma de comercialização dos produtos agrícolas.

Chega-se também à conclusão que a disponibilidade de terminais de produção, embora não constitua condições suficientes é, não obstante, pré-condição necessária à motivação concreta dos produtores para se organizarem e empreenderem associativamente suas operações de venda da produção. Atual feira, mercado e os demais componentes da estrutura tradicional já não correspondem às necessidades da população local, enfim, da região.

O Prefeito José Falcão da Silva assegura que a feira livre não será extinta, diz que haverá remanejamento, explicando que, ao lado da expansão urbana, ocorreu o agigantamento da feira tradicional que, realizada originalmente em um dia da semana, hoje se alonga, virtualmente, por três dias, demandando maior espaço físico para a sua instalação e funcionamento.

Ainda o mesmo prefeito esclarece que, além disso, o local da feira está inserido no centro da cidade, "com ramificações cada vez maiores no sentido de áreas residenciais acarretando prejuízos para o desenvolvimento de importantes atividades e serviços urbanos. Daí porque se tornou necessário o exame das condições em que ora se realizam os serviços da comercialização dos gêneros, com vistas a um remanejamento urbano, assegurando a expansão daquela atividade em harmonia com os demais serviços comunitários. O futuro Centro abrigará todos num rigoroso regime higiênico e organizacional."

O Projeto Cabana, de autoria da equipe Piane, chefiada pelo Eng. Agrônomo Lindalvo Virgíneo de Farias e EPI, dirigido por Raimundo Pires, além dos aspectos técnicos para a implantação do Centro, estudou também o mercado de serviços para o grande contingente de mão-de-obra, ora envolvida nos processos de distribuição. Dentro desse pensamento, será orientada a concepção de um modelo, para o Centro, capaz de assegurar, não só o mercado atual, mas a sua possível ampliação com maiores níveis de utilização da mão-de-obra.

Opinião dos Barraqueiros

O Centro de Abastecimento de Feira de Santana, que se destina, exclusivamente, à prestação de serviços relacionados com as operações de comercialização, é observado em dois ângulos diferentes pelos comerciantes do atual mercado e pelos barraqueiros. Manoel Alves, com uma barraca de hortigranjeiros, não crê na

tranquilidade do pequeno comerciante no Centro. Já Antônio Demétrio, alojado no Mercado, acha a medida oportuna, pois o “estado atual de comercialização sem higiene e organização, é deprimente.” Os demais barraqueiros e comerciantes dividem-se entre as opiniões emitidas. Já os donos de lojas, armarinhos e supermercados acreditam em redução de vendas, nos primeiros meses, mas confiam em que o povo retornará ao hábito de compras no centro comercial.

O Projeto

A área destinada à implantação do Centro de Abastecimento de Feira abrange, na sua totalidade, 306.600m² dos quais 8.000m² já estavam adquiridos para o mesmo fim, segundo proposição do plano local integrado. O terreno, no Parque Manoel Matias, situa-se em um vale, com ondulações suaves, e é cortado por um pequeno curso d'água perene, que será integrado no sistema racionalizado de esgoto e águas pluviais (com projeto aprovado).

A concepção do projeto fundamentou-se em “inadiável operação de remanejamento e, ao mesmo tempo, foi aproveitado o ensejo para organizar o mercado atacadista”. Dentro dessa linha de pensamento, foram contempladas todas as atividades (comércio de alimentos, atacadista, varejista, comércio de não alimento, serviços complementares e administrativos), sendo que a divisão do terreno obedeceu a esse princípio, adotando-se diretrizes básicas para a racionalização do seu uso.

Os investimentos globais para concluir a etapa de implantação do Centro de Abastecimento, incluindo o valor do terreno, alcançaram um montante de Cr\$ 20.440,00, a preços de maio de 1974, com a implantação das obras da primeira etapa prevista para um prazo de 18 meses, em três períodos semestrais e ininterruptos.

Vantagens Anotadas

O Centro de Abastecimento de Feira, segundo o projeto, não tem como fundamento a exploração econômica dos serviços que se propõe executar, mas, além de uma simples instalação de infra-estrutura de comercialização, destinada a um mercado consumidor de mais de 400 mil habitantes, “o que se deseja implantar é um mercado novo, que introduza novos métodos de comércio que progressivamente, devem substituir os processos obsoletos e desordenados que não mais se justificam tendo como benefícios diretos: redução de perdas de produtos, de custos operacionais, regularização da oferta e dos preços, racionalização do mecanismo de vendas, conjuntura, estoques reguladores, benefícios aos produtores e in-

centivo ao associativismo”.

TRANSFERÊNCIA DA FEIRA PODE PROVOCAR QUEDA NO COMÉRCIO

Jornal da Bahia. Salvador(BA), 1º de junho de 1975. Domingo, p.2

O processo de urbanização acelerada e a transformação de valores e aspectos físicos de Feira de Santana culminaram com o fim da maior feiralivre do Nordeste, cujas características persistem em parte, desde a metade do século XVIII. A medida é justificada como um imperativo da dificuldade em controlar o movimento comercial que vai do sábado à segunda-feira, levando o simples ato de compras e vendas a um fator de identificação da sociedade.

Os feirantes descontentes por costumes dos antigos viajantes que criaram em Feira de Santana um centro de permutas e escambos, levando o incipiente aglomerado à condição inicial de arraial, com o surgimento das primeiras lojas, agora temem pelo futuro de seus negócios. Segundo eles, a transferência da feira pode provocar uma queda sensível no comércio, até que todo fluxo se encaminhe para o novo local, levando consigo a maioria dos negociantes.

Projeto Antigo

O administrador do Mercado Municipal de Feira de Santana tem opinião divergente de alguns feirantes. Enquanto ele vê a instalação da feira, numa área restrita, como solução para o problema da organização, os feirantes não crêem que o povo se adapte, já habituado “a uma feira livre mesmo, onde se compra de tudo”. O Mercado Modelo de Salvador foi lembrado, como exemplo de destruição de um costume.

Francisco Dias Marques, o administrador do Mercado, assegurou que o poder público está perdendo o controle sobre o desenvolvimento da feira livre, “que se dá num sentido desorganizado”. A indicação de sua transferência para o parque Manoel Matias, “perto do atual Mercado Municipal, é um projeto muito antigo e imprescindível”, garantiu Francisco Marques.

No entanto, Daniel de Souza Andrade, proprietário do abrigo localizado no centro da feira, contando com a experiência de 16 anos na área, comentou que o problema “não pode nem vai ser resolvido em pouco tempo e as instalações indicadas são inconvenientes”. Acrescentou que, de sábado a segunda-feira, o seu comércio não cresce, rendendo, apenas, “mais trabalho”.

Também com 15 anos na feira “como a maioria”, Aristeu Silva afirmou que o projeto de transferência tem mais de dez anos, sempre dificultado pela escolha de um local apropriado, “o que é mais importante para todos os comerciantes”. Conforme observou, se não houver um planejamento criterioso, as circunstâncias podem obrigar a um recuo da medida, “para não provocar falências”.

Para Domingos Possidônio, se mudarem a feira, sua família “vai morrer de fome”. Morando em Feira de Santana, há 42 anos, tem 22 a vender bananas e, desconhecendo a história da feira, declarou que “já carregava cestos desde pequeno para ajudar o pai”. Conforme ele entende, a transferência da feira pode trazer modificações profundas, principalmente porque a nova área pode não comportar um comércio onde “se vende de tudo, de tempero verde e papel a caixão de defunto”. Suas dúvidas se atêm a “existir um costume que não pode ser quebrado assim de vez”.

Mercado Municipal

Percorrendo o Mercado Municipal, é comum ouvir-se toadas sertanejas nos rádios encarapitados sobre as prateleiras e balcões, onde se mistura carne do sol com roupas prontas, objetos de couro e artesanato regional. A administração está instalada no pequeno box de madeira, impróprio às funções. Segundo Francisco Dias, “não há espaço nem para colocar uma vassoura ou um balde em todo o Mercado”.

Criado em 1915, o imenso balcão abriga 337 barracas quase amontoadas umas sobre as outras, com uma arrecadação anual de Cr\$ 300 mil de imposto por solo ocupado. Os comerciantes e seus empregados somam 1.500 pessoas a circular pelo exíguo espaço, fora os compradores que, praticamente, duplicam de número, em dias de feira.

Conforme Francisco Dias, no interior do Mercado, as condições de higiene são precárias, não há sanitários públicos e o piso não resiste à limpeza, estragado e corroído pelo uso. “Apesar dos cuidados que temos ao prédio, até o telhado está em péssimo estado e não suporta a menor chuva”, acrescentando Francisco Dias. Por essas e outras razões, ele não se afasta da defesa em transferir toda a feira, bem como o Mercado.

A Feira e a Cidade

O primeiro núcleo populacional surgiu em Feira de Santana, no século XVIII, resultado da fazenda Santana dos Olhos D'Água, de propriedade do casal de portugueses, Domingos Barbosa de Araújo

e Ana Brandão, onde foi erguida a capela de São Domingos e Santana. A morte dos proprietários tornou as terras incorporadas pela Fazenda Nacional, surgindo uma feira e ponto de pouso das tropas e viajantes do alto sertão da Bahia, Minas, Piauí e Goiás.

O arraial ascendeu à condição de município, em 13 de novembro de 1832, incluindo território desmembrado de Cachoeira. A 16 de junho de 1873, por força de Lei Provincial, formou-se a Cidade Comercial de Feira de Santana, cujo nome ficou reduzido para Feira, pelos Decretos de 23 de junho e 8 de agosto de 1931. Consta do recenseamento de 1872 que a cidade abrigava, na época, 32.955 habitantes e, num levantamento em 1956, apontava 154 logradouros, dos quais, 10 avenidas e praças pavimentadas a paralelepípedos e 82 ruas, 13 travessas e becos.

A essa altura, a urbanização dá novas feições à cidade, mas ainda não se registra, conforme documentos sobre a época, nenhum choque com os aspectos da feira livre. Ela sobrevive, mesmo entre os 303 veículos a motor para passageiros e 561 para cargas, 9 hotéis e 57 pensões, com uma capacidade total para receber 1.300 hóspedes, segundo levantamentos históricos. A feira associou-se às lojas de artigos manufaturados e de luxo, parte para revenda no interior e parte importada para Salvador.

As transformações que se seguiram a esse estágio, por necessidade de crescimento urbano, foram gravando suas marcas em Feira de Santana. Há algum tempo, surgiu um terminal de ônibus, na Avenida Getúlio Vargas, cortando a feira ao meio. O tráfego mais intenso trouxe as sinaleiras que nada têm a ver com os costumes do povo e esses fatores estranhos foram sendo assimilados, em detrimento de hábitos originais.

A GRANDE FEIRA

Tribuna da Bahia. Salvador(BA), 21 de agosto de 1975. p.9,2.cad.

O negociante subiu num palanque improvisado e começou a falar: “está provado, meus amigos, e ninguém mais discute que a feira livre é um negócio de características medievais, anti-higiênico, que inunda as ruas com toneladas de lixo, espalha o mau cheiro e perturba o sono de pacatos e honestos cidadãos na faina de armar suas barracas pela madrugada”.

O público aplaudiu-o freneticamente. Estimulado pelo incentivo da platéia, o negociante levantou mais a voz e lançou a sentença definitiva:

Não se admite mais, senhores, a presença das feiras livres em pleno século 18.

Engano seu — bradou um feirante misturado à multidão.

O que não se admite mais é a presença do século 18 nas feiras livres.

(Carlos Eduardo Novaes, *Jornal do Brasil*, 22 de julho de 1973).

Nas segundas-feiras, paralisam-se todas as atividades no comércio e as repartições públicas de Tanquinho, Santo Estêvão, Santa Bárbara, Candeal, Serra Preta, Angüera, Antônio Cardoso, São Gonçalo dos Campos, Conceição do Jacuípe e Amélia Rodrigues: grande parte da população dessas cidades, localizadas na área de influência de Feira de Santana, desloca-se para a maior feira livre do Brasil, uma tradição que remonta aos tempos coloniais e, graças às facilidades dos meios de transporte, torna-se mais forte nos dias atuais.

“Nesse dia”, diz o folclorista feirense Fernando Pinto, “a gente acorda sentindo que há alguma coisa diferente dos outros dias da semana: é dia da feira; não de uma feira qualquer mas da feira”. De fato, antes de ser um fato econômico — tão importante que o nascimento da cidade e seu desenvolvimento vieram em consequência dele —, a feira livre de Feira de Santana é um fato social com características especiais: tem gente que vai para a feira para não fazer nada, simplesmente para estar lá para vivê-la. “A população vive a feira, e nesse caso o viver a feira é mais uma atitude que uma necessidade econômica”, esclarece Fernando Pinto.

A feira não envolve apenas a comercialização dos produtos, o confronto entre vendedor e comprador em torno da mercadoria exposta, mas atua como agente social de amplo significado para a unidade regional. Ali, as pessoas de todas as cidades da região se encontram, trocam informações, dão notícias, reencontram-se, separam-se. E, neste caso, a feira age como importante canal de comunicação social regional, consolidando uma unidade socioeconômica entre as populações de Feira e demais cidades sob sua influência.

Comércio ininterrupto

Acusada de ser uma instituição medieval, anti-higiênica, altamente poluidora e não compatível com o grau de desenvolvimento da cidade como núcleo urbano, a feira livre, como fenômeno socioeconômico, segue acompanhando o crescimento de Feira de Santana: inicialmente realizada às terças-feiras, foi transferida, por interfeirência do padre Ovídio de São Boaventura, em 1854, para as

segundas- -feiras e ocupava apenas a Praça João Pedreira, em frente ao prédio do atual Mercado Municipal (construído em 1915); depois, foi-se espalhando pelas ruas Marechal Deodoro, Sales Barbosa, Libânio de Moraes, Pedro Francisco, Benjamim Constant, um trecho da Avenida Senhor dos Passos — onde se esparrama, ocupando virtualmente uma extensão de 1.200 metros.

Nos fins da década de 50, a feira surgiu timidamente, aos sábados, ocupando o passeio do Mercado Municipal. Atualmente, a feira de sábado quase que alcança a mesma dimensão da de segunda-feira. A movimentação começa na tarde de sexta-feira quando chegam os primeiros caminhões de mercadorias e os varejistas de hortigranjeiros adquirem dos atacadistas e produtores uma infinidade de artigos — desde a farinha de mandioca de São Gonçalo dos Campos, a 36 quilômetros de Feira de Santana, até cebola de Cabrobó, em Pernambuco, a 430 quilômetros, ou manteiga e requeijão de Itauju, distante 500 quilômetros.

No sábado, as barracas já amanhecem armadas e tem início a comercialização; às 18 horas, são recolhidas e guardadas até a noite de domingo, para serem instaladas para a feira de segunda-feira. Retiradas à noite, aguardam até a próxima sexta-feira. Alguns feirantes aproveitam o domingo para negociar nas feiras de bairros — Cidade Nova, Sobradinho e Estação Nova. Mas há também os comerciantes permanentes, denominados pela Prefeitura de “ambulantes estacionados”, que operam durante todos os dias da semana, em locais fixados pela Secretaria de Serviços Urbanos, à qual está afeta a organização das feiras livres. Na Avenida Getúlio Vargas, por exemplo, o comércio atacadista e varejista de frutas e hortigranjeiros funciona durante todos os dias da semana, até mesmo à meia-noite.

Fonte de Rendas

Se por um lado, o gigantismo da feira livre e sua tendência expansionista atingem praças e ruas do centro da cidade em busca do espaço físico necessário ao seu funcionamento, provocando o estrangulamento de outras atividades urbanas, principalmente a circulação de veículos e pedestres, por outro, ela constitui a segunda maior fonte de arrecadação da Prefeitura Municipal.

Segundo Armando Curvelo de Menezes, Secretário de Finanças do Município, a arrecadação da feira, do mercado e do matadouro, é superior à do imposto predial e territorial urbano. A Prefeitura cobra dos feirantes uma taxa de ocupação do solo que rendeu Cr\$ 1.023.432,36 em 1972, quando o imposto predial contribuiu com apenas Cr\$

591.965,57 para a receita municipal. Em 1973, a feira gerou uma receita de Cr\$ 1.153.754,76, aumentando para Cr\$ 1.364.432,36 no ano seguinte.

“Se mais não é arrecadado, deve-se às dificuldades geradas pelo dimensionamento da feira, que ocupa cerca de oito quilômetros quadrados do centro da cidade”, justifica o secretário Armando Menezes, esclarecendo ainda que a taxa de ocupação do solo não sofreu nenhum reajuste na atual administração, o que não ocorreu com o imposto predial que, mesmo assim, rendeu apenas Cr\$ 1.102.227,44 para os cofres públicos em 1974.

Os gêneros alimentícios comercializados na feira livre, em sua maior parte, procedem de outros municípios e de outros estados, principalmente os produtos hortigranjeiros. Essa importação visa atender ao suprimento alimentar não apenas de Feira de Santana, mas de outras cidades, inclusive a capital do Estado. Mesmo dos produtos dos quais o município é produtor, verifica-se essa importação, funcionando Feira de Santana como um grande centro reexportador.

Dessa forma, podem ser encontradas mangas de Jaguari, melancias de Jacobina, pimentões de Jaguaquara, inhames de Muritiba, peixes secos de Xique-Xique, carne-do-sol de Rui Barbosa e galinhas de Ipirá, que são vendidos não apenas em Feira de Santana, mas também para Salvador, São Gonçalo, Santo Amaro, Irará, Serrinha, Tucano, Cachoeira e Conceição do Coité, num intercâmbio fortalecido pela privilegiada posição geográfica da cidade, ponto de passagem obrigatório entre o Sul e o Norte/Nordeste do país, servido pelas rodovias BR-101, BR-116, BR-324 e BA-152.

Também os artigos manufaturados são comercializados na feira livre, que serve de entreposto para distribuição regional de redes e rendas do Ceará, sal do Rio Grande do Norte, artigos plásticos do Rio de Janeiro e São Paulo, confecções de São Paulo, alpercatas e louças de barro vidrado de Sergipe; cachaça de Minas Gerais, Pernambuco, Alagoas e Paraíba

Essa variedade imensa de produtos, apesar das críticas a uma aparente desarrumação, é distribuída pelos oito quilômetros quadrados de feira livre, obedecendo a uma harmônica e natural organização. Na realidade, a feira é subdividida em feiras menores: de um lado da Praça João Pedreira, encontra-se a feira da banana; do outro lado, a de carne-do-sol e toucinho; num trecho da Rua Marechal Deodoro, há a feira de móveis (camas, armários, mesas, cadeiras, colchões); noutro, a de peixes secos e cereais; no fim da Avenida Getúlio Vargas, a de madeira (portas, janelas, ripões, caibros); em frente à Igreja de Senhor dos Passos, os camelôs e

suas confecções baratas.

Além dessas subfeiras, já de médio porte, há também alguns pontos específicos de comercialização, isto é, feiras ainda menores; a da farinha, a das louças e objetos de barro, a dos passarinhos, da caça (tatus, teiús, nambus, codornas, jibóias), dos produtos de palha, sisal e caroá (cordas, esteiras, peneiras, chapéus).

Da mesma forma, os feirantes e compradores vindos de cidades vizinhas têm pontos certos de encontros: o pessoal de Santo Estêvão, na Rua Conselheiro Franco, o de Tanquinho, na Praça da Bandeira, o de Angüera e Ipirá, na Praça Fróes da Mota. Nesses locais param os caminhões e os automóveis que os transportam e se estabelecem encontros e contactos, que vão desde a entrega de uma carta do parente distante à troca de informações sobre a seca em determinada área da região ou mesmo acertos de contas e de negócios os mais diversos.

Circulando por esse universo, os carregadores de feira com seus balaies, os meninos aguadeiros, com moringas de água; os vendedores de picolé; os espertalhões rifando relógios e correntes de ouro; crianças vendendo remédios milagrosos e lâmina de barbear contrabandeadas; velhos e crianças oferecendo bilhetes de loteria; e meninos a dar recados e a levar encomendas.

A fama da feira ultrapassou as fronteiras do país e não raro chegam turistas estrangeiros especialmente para conhecê-la. Na última segunda-feira, Jorge Ketz, argentino de Buenos Aires, dizia à TRIBUNA que a feira “é um espetáculo excitante” e que viera de Salvador apenas para conhecê-la. Preocupado em saber se os feirantes se incomodavam em serem fotografados, seguia curioso por entre os montes de abacaxis e laranjas, procurando produtos artesanais: “É muito belo, impressionante o colorido das frutas, as pessoas, a espontaneidade”.

De fato, Feira de Santana é conhecida nacionalmente pela sua grande feira livre, “a única atração turística permanente da cidade”, assegura o jornalista e historiador Helder Alencar, lembrando a necessidade de se explorar mais convenientemente esse aspecto. Edson Prado, arquiteto, lembra que “a feira nunca foi explorada economicamente, do ponto de vista do seu potencial turístico”.

Já o também arquiteto Amélio Amorim presidente da empresa que está construindo o Hotel Carro de Boi, o primeiro destinado a atender especificamente aos turistas, afirma que o governo municipal precisa se conscientizar do potencial turístico da feira e aproveitá-lo de forma a render mais divisas ao município. “A feira livre é uma das poucas coisas que pode trazer um ônibus de turistas de Salvador para Feira de Santana”, assegura.

Enquanto os turistas deleitam-se com a espontaneidade e o colorido da feira, os moradores da Avenida Getúlio Vargas queixam-se da sujeira e do mau cheiro que ela deixa, em pleno centro da cidade, o que causa uma má impressão aos visitantes. Para limpar o centro, após os dias de feira, o Serviço de Limpeza da Prefeitura coloca 220 garis, 14 motoristas e 54 ajudantes para num espaço de apenas quatro horas — das 17 às 21 horas — varrer e coletar 128 toneladas diárias de lixo, segundo informou o chefe do serviço, Bolivar Alves dos Santos, que pessoalmente dirige a operação “para evitar choques com os feirantes, que insistem em prolongar a feira pela noite”.

Nos dias de feira, o tenente Aloísio Campos Filho, chefe da 3ª Circunscrição Regional de Trânsito, coloca policiais em serviço e modifica o trânsito na Avenida Getúlio Vargas, explica: “entre 6 e 18 horas, circulam de seis a nove mil veículos, num só sentido. Nos dias de feira, o volume de tráfego aumenta e essa avenida corta a feira livre no meio, o que afeta consideravelmente o tráfego da cidade. O pior é que todas as nossas tentativas de afastar o tráfego da área central recebem críticas dos comerciantes ali localizados.”

Atacada por uns, defendida por outros, a feira livre e seu destino passaram a ser motivo de todas as conversas da cidade: a Prefeitura acaba de receber uma comunicação do Banco do Nordeste anunciando a aprovação de um financiamento de Cr\$ 17,5 milhões para a construção de um centro de abastecimento e deslocamento da feira para fora do centro da cidade. Atração turística e instituição medieval, a grande feira se prepara para enfrentar as exigências do progresso que ela mesmo gerou e fortaleceu.

Texto de José Carlos Teixeira.

No próximo texto, o de número 3, de *OUTRAS PALAVRAS*, segunda fase do Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana, estaremos divulgando o noticiário sobre a feira livre, publicado pelos jornais, nos anos de 1976 e 1977 — último ano da feiralivre.

NOTA HEMEROGRÁFICA

As Notícias foram levantadas nos seguintes jornais de circulação em Salvador:

A *Tarde*, edições de maio de 1975, *Jornal da Bahia*, edições de junho de 1975 e *Tribuna da Bahia*, edições de agosto de 1975.